

# A PLEBE

PERIODICO COMMUNISTA-LIBERTARIO

Sede:  
RUA BARÃO DE PAANAPIAGABA, 4 - Esq. B  
Expediente & correio

ASSIGNATURAS  
Anno - 10\$000 Semestre - 5\$000  
Numero avulso - \$100 Póstos: 12 exemplares, 1\$000

Toda e correspondência, vales e registros devem ser  
endereçados a RODOLPHO FELIPPE - Caixa Postal  
195 - S. PAULO.

A todos que soffrem em todo mundo as miserias do regimen capitalista-governamental, a todos que gemem nas prisões por se rebellarem contra as tyrannias imperantes em todos os paizes, nós os saudamos e concitamos, no dia de hoje, a confiarem no advento da proxima Revolução Social.

1.º de Maio 1923

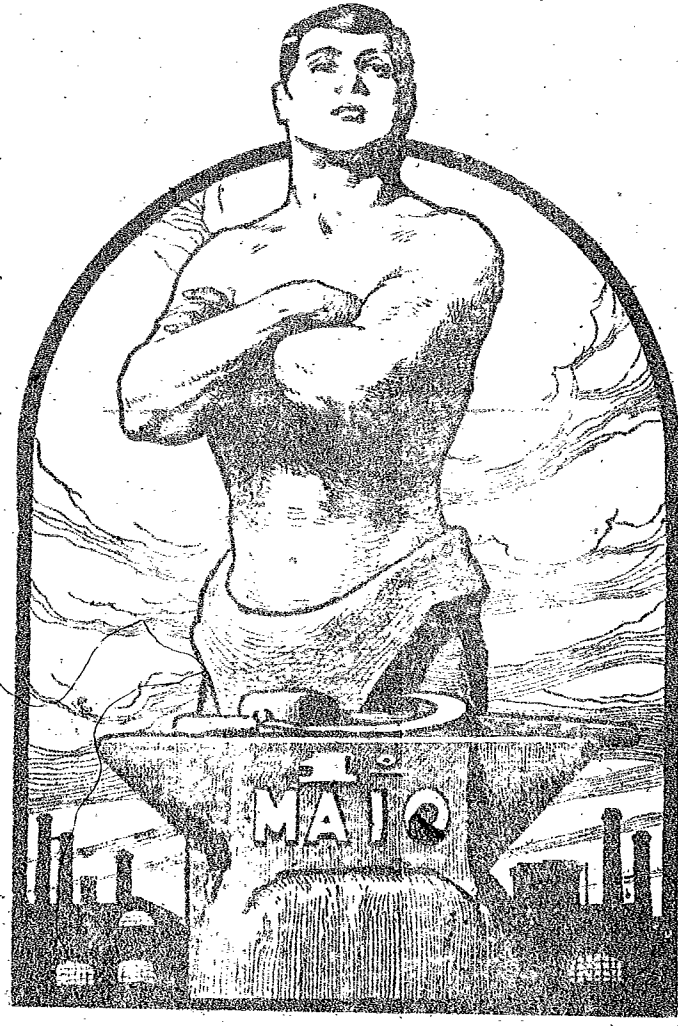
## HONREMOS AS VICTIMAS DESPREZEMOS OS CARRASCOS

As ephemérides operarias revolucionarias merecem uma data memoravel que a ellas tribuindo deve guardar a sua significação altamente moral e nobremente dignificadora, pela coragem desassombrosa e valentia que os já consagrados Martyres de Chicago souberam manter diante de seus terrosos juizes, perante seus condôminos, deves desafiados, injustos e odiados e ante seus carrascos e algozes encorajado de superarem essas vidas premitas, essas intelligencias e essas almas, esses espiritos infernaes, legitimamente dedicados a pratica do bem, a propaganda do humanismo e bello ideal de confraternização humana, qual seja o de educar, associar e congregar os trabalhadores para a conquista de todos os legitimas direitos que uma sociedade humana, corrupta e jesuitica lhe nega e arrebatava.

E, a esses valentes pioneiros da liberdade e da guerra que scabram generosamente viver, trabalhando e lutando pelos conquistados ideos de igualdade e fraternidade humana e que também estaticamente encerraram a morte com mais calma e serenidade de que o proprio Christo (pois que este morreu por o Padre Negro por não abandonar as pobres massas) a esses capangas - juizes - deu-se o esta do do 1.º de Maio para que do pulo a polo, de um ao outro extremo do mundo, se lembrasse neste dia a tragedia do seu sacrificio e se levantassem todas as melhoras que deram origem ao movimento que se havia de levar ao calvario da forca burguezã norte americana.

Em todos os annos, desde 1890 em todos os centros proletarios do mundo, em todos os lagares e regões onde pulsa um movimento proletario, um feito social e anarquista, os trabalhadores traziam as ferramentas do trabalho, deixam as mallas, os casacos e as officinas para se reunir em praça publico ou em suas associações e ali recordavam uns aos outros a horrivel matança da negrada burguezã lancke, a qual roubou a liberdade e a vida aos cinco heróicos, hoje consagrados pelo operariado internacional, pelo crime delictuoso quereram derrubar de seu pedestal a mais torpe e a mais enduinhada das burguezias do mundo.

Essa nefanda coualha burguezã



O proletario, cruzando os braços, paraliza a industria, pensando e agindo revolucionaria o mundo

norte americana, espreitava das precarias condições de sua existencia, fugida e encorajada como foi da Europa, pelas perseguções religiosas que a campanha, de perseguida tornouse feraz perseguidora de honestos idealistas. Ella, que não quiz que lhe impoessem crencas incompativas com seu espirito e que preferiu abandonar seus lares, seus campos, suas industrias, emigrando para um paiz longinquo e desconhecido como era a America do Norte nesse tempo,

hoje, tornado a mais rica a mais gozadora, e mais despotica, com o seu verdadeiro nome metido, não consente, não tolera, não permite que os trabalhadores reclamem sua liberdade, mas pôe, mais que

da electrocução. Que feita por nós Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, victimas innocentes dessa ferocidade e desse odio que campeia na terra do profanado delicto.

E eis onde queriamos chegar. O Primeiro de Maio surgiu como protesto e clamor contra esse hegrogado enforcamento dos Martyres de Chicago. Estes que eram cinco, hoje, porém, foram logois. O, perseguidos, os encarcerados, os mortos, actualmente são centos, assemilhamos em todos os paizes.

A burguezia internacional, em vez de se moderar e emendar, mostra-se dia a dia mais respida, hora a hora mais violenta e intratavel. Arma-se e arma os seus serventuarios e mercenarios e arremette louca, estúpida, cabeça baixa e olhar vesgo, contra todos que a possuem perturbar nos seus festins luxuriantes, nos seus banquetes pagagruelicos, nas suas distrações torpes e devassas. E prende, encarcera, eliminando pelo morto, os mais decididos e viris campeões da Questão Social e operaria.

Conhecemos bem o que ella fez com as suas guardas-brancas na Filadélfia, na Polonia, na Hungria, na Baviera. Assistimos actualmente ás barbaridades praticadas na bella e indomita Italia onde se fala o *doce idioma del Dante*. Estamos presenciando o que se passa na Hespanha, cujas scenas de vandalismo e de barbarismo arrepiam os cabelos, vendo haquer os mais tidimos e cultos representantes da mentalidade operaria syndical e revolucionaria, daquela classica terra dos teuros e da Santa Inquisição, de Loyola e de Domingos de Gusmão, ás mãos de assassinos assalariados, por conto e com applauso da burguezia reaccionaria hespanhola. Na Russia, os novos senhores, perseguem todos que não acreditam no seu systema de commissarios.

Na America do Norte, Sacco e Vanzetti, victimas dum truco judicial, duma citada policesca, ha tres annos presos, condemnados a electrocução e agora dado o primeiro como louco, porque declarou a greve da fome e se conservou sem alimentação durante 31 dias. Em São Paulo, os operarios não podem sequer reunir porque a policia bloqueia as suas sedes.

Mas, para que continuar? De Norte a Sul, de Oriente a Occidente, por toda a parte, em todos os paizes, impera o mesmo despotismo, cercam-se as liberdades mais triviaes e elementares, supprime-se a terra e foga todas as ancias de liberdade mais ampla, de justiça mais perfeita, de aspirações mais generosas, de vida mais elevada e superior.

Companheiros! Vibremos em unisono com todos os opprimidos do Universo! Protestemos e clamemos em altos brados contra todas as violencias, arbitrariedades e barbaridades praticadas pelos nossos inimigos contra os trabalhadores. Unamõs-nos, associemo-nos, congregemo-nos, para a Revolução Social!

A LIBERDADE OU A MORTE!

UMA CARTA DE SACCO E VANZETTI ao proletariado revolucionario

Os jornaes deram-nos estas ultimas, em telegrama dos E. Unidos a noticia de que uma comissao de cientistas norte-americanos que examinaram o sacco tinham apresentado um relatório afirmando que Nicola Sacco estava sofrendo das suas faculdades mentaes, devendo por esse motivo ser internado num hospital de loucos.

Nós recebemos relatório directo historizando toda a tragica odisseia de Sacco e Vanzetti e os luctos e cidades que os pilotos cratas do paiz do dolar empregam para perder esses valentes combatentes. No proximo numero trataremos do caso. Por hoje damos aos leitores a carta que aquellas victimas do odio burguez derigram ao Libertario de Paris e onde expõem com toda a clareza o horror da sua situação, acabando por solicitar do proletariado universal, o unico que os pode salvar, ou a Morte ou a Liberdade.

Essa carta, commovedora até á lagrimas, revela bem a tenacidade daquelles intrepidos canariães, injustamente condemnados á cadeia electrica. Que elle produzira uma onda de indignação em todos os espiritos livres e que a agitação não cesse até que elles sejam postos em liberdade e reintegrados ao carinho de suas familias extremecidas.

Depois dessa carta, Sacco declarou a greve da fome e ficou mais de 30 dias sem engulir o que quer que fosse. Invadido pela fome e pela febre começou a delirar. Nesse momento, os carceres declararam-no louco. Eis a carta:

Da prisão, 31 de Janeiro de 1927

Companheiros:

Muitas vezes, durante o nosso encarceramento, vos temos dirigido a palavra através as grades, que nos separam da liberdade. E nós privamos dos direitos mais inalienaveis.

Não é já invocar a solidão, piedade, que já nos concedestes espontanea, generosa, rapida e que nunca se desmentiu desde que a magistratura e a policia revelaram o projecto de nos perder a todo o custo. — mas é por fé, por paixão, por reconhecimento e por orgulho que nós vos derigimos estas palavras.

Por fé, e nós vos dizemos que somos os unicos que nos podemos arrancar ao caracasso e entregar-nos á vida que é a liberdade, acção, amor e odio: é de vós e não da lei que esperamos justiça.

Por paixão: com o coração ulcerado, nós vos denunciamos a sadismo das perseguições, as mentiras, a duplicidade de que tentado provas e de que usaram contra nós o juiz Webster Thayer e o procurador Katzman.

Nós vos denunciamos as ciladas maquiadas pela policia, as suas ordens para criar, pela corrupção, pelas ameaças e pela chantagem, todas as falsas testemunhas de accusação, sem as quaes seria sido impossivel condemnar-nos, não somente, mas nem mesmo accusar-nos.

E nós vos dizemos que os jurados — em menos de quatro horas, após um processo que durou mais de oito semanas — acharam meio de nos condemnar a pena capital.

Depois, quando a sentença de morte foi conhecida de vós, companheiros e trabalhadores, soubeis Thayer ouvir a colera e a furia que rugia em vossas pezas e, desafiando as balonetas de soldado, vossos inconscientes irmãos, e a brutalidade dos esbirros mercenariios, lançaste-vos através as ruas e praças de todas as cidades do mundo para gritar ao

resto dos representantes e dos servidores de nossos juizes, de nossos carceres e de nossos perseguidores que não estaveis dispostos a deixar executar impunemente o nosso assassinato.

E a explosão da dynamite libertadora uniu-se a vosso clamor imenso, unica voz de dor, de vontade, de perda e de despeço. E já vos dissemos que foi a esse clamor e a essa explosão que devemos a vida. Os animaes feroces sentiram o pelo queimante na espinha e alargaram o nó. Se não fosse isso, teriam apressado a entregar nos ao caracasso que, no silencio duma noite tenebrosa, nos teria amarrado e queimado na fogueira sem chamas do século XX.

Mas vós que, nestes tempos da pior reacção, tendes sabido cumprir um gesto de solidariedade tão bello e tão potente como há poucos semelhantes na historia já gloriosa do proletariado, não desistestes; combastes e decidistes permanecer de armas ao hombro.

Queremos-vos confiar o que pensamos sobre a nossa situação presente — situação incerta, heciosa, dolorosa, plena de desconfiança. E, fazendo isso, julgamos cumprir um dever para com vós, para a convicção e para toda a grande causa commum.

Nossa impotencia forçada, privando-nos, das responsabilidades proprias de todo o instante, impede-nos o dever do silencio sobre as coisas que nos tocam de perto, quer como homens, quer como revolucionarios — não, porém, o de ser cobardes. Examinemos, pois, em conjunto nossa situação presente e a de todos os prisioneiros do nosso genero.

Por isso, eis-nos constrangidos a começar... pelo principio e a nos explicar. É uma necessidade, mas não é um mal, porque, emquanto o perigo e a vergonha durarem e prejudicarem, é bom repetir-se...

Já o sabeis. Depois que Katzmán e Thayer obtiveram facilmente uma victoria no processo de Plymouth, as coisas mudaram e mudaram ainda mais após o processo de Dedham. Indubitavelmente mudaram para melhor. A mesma imprensa burgueza, que no momento de nossa prisão exercia, a nosso respeito, um verdadeiro tyranhamento moral, tem agora, e desde um certo tempo mudado de tom. Quasi unanimemente tem declarado injustificavel a sentença de Dedham.

A defesa obteve a retractação de duas muito importantes testemunhas de accusação e descobriu que uma terceira, Goodridge, não era Goodridge e que antes de ser um jurado, foi um indistincto de luctuosas combinações.

Além disso a defesa encontrou uma nova testemunha na pessoa de Roy E. Gould que, achando-se presente no momento do attentado, viu os auctores e nega a nossa presença no lugar. Têm-se obtido em nosso favor muitas provas evidentes e em grande numero, evidencias que são de valor capazes de assegurar um caso ordinario, a revisão immediata dum processo.

Mas devemos nós, por isso, esperar obter justiça? Por tudo o mundo é o não, foi dito ha um anno, com uma sabedoria clarividente, pelo juiz Thayer mesmo. Recordat-vos de que elle fez a audiencia pedida pela defesa para reclamar um novo processo, a vesperta do Natal, e para vos regozijar e a todos que nos assistiam, no dia mesmo de Natal pronunciou seu muito comprehensivel NÃO. Recordat-vos tambem de sua recusa. Discurso famoso, digno de

Duas peças de impostura, de bilde, de vaidade e de má fé. Nesse discurso Thayer ouizou servir-se deste miseravel argumento: OS JURADOS PODEM RECUSAR-SE A ACREDITAR AS TESTEMUNHAS DE DEFEZA, MESMO QUE ESTAS SEJAM MAIS NUMEROSAS QUE AS DE ACUSACÃO; E PODEM BASEAR SEU VEREDICTUM DE CULPADLHAÇA SOBRE A UNICA CIRCUNSTANCIA NUNCA SO DAS TESTEMUNHAS DE ACUSACÃO.

Thayer (procurador) não deixou escapar para a sua casa que nos recusamos de fazer a prova, porque que esse modo de accusação de guerra e esperas com a letra, mas elle poderia dizer-nos de dissociação sua nova recusa pela simples repetição das palavras já proferidas e referidas por nós.

Então, disseis vós para que ter perdido a defesa legal?

Por boas razões.

Primeiro, pela violencia, accusada e constrangido pela violencia a um processo, tivemos que recorrer á defesa legal que é a unica reconhecida por lei, para sermos protegidos em nossos direitos e para demonstrar legalmente a nossa innocencia. Não é, porém, acreditamos que a defesa legal fosse capaz de obter justiça. Temos conseguido demonstrar nossa innocencia. E mais indulgente hypothese, o jury não podia condemnar nos senão no caso de servir se da duvida contra nós. E o discurso do juiz, citado mais acima, é todo um esforço para justificar a acção do juiz nesse sentido.

E' contudo ocioso falar de tudo isso. Sabeis perfeitamente, companheiros, amigos e trabalhadores, porque se nos declararam culpados E o silencio dos jurados após o processo reles, tinham jurado uns aos outros de não falarem do que se passasse na Câmara dos deliberação's, esse silencio fala por si mesmo.

Para sermos libertados, devemos obter um outro processo e devemos ser absolvidos. O facto de obter um outro processo não é decisivo para a nossa liberdade? Devemos dizer-vos que a defesa legal, por si só, é impotente? Devemos falar vos de Monev e de Billing? Dos Martyres de Chicago? De Joe Hill? Dos prisioneiros politicos? Dos recentes processos dos mineiros? Das ultimas provas? Devemos dizer-vos que dos Thayer e dos Katzmán que admittiram a justiça de classe não se deve esperar senão mal? Devemos lembrar-vos que a qualidade dos doze homens que formavam o Jury de Dedham que nos condemnaram e da qualidade dos doze de outros jurys que condemnaram os outros, não há de facto desapparecido da face do mundo? Devemos dizer-vos o que é a lei? E que é absurdo, ridiculo, esperar justiça da lei de classe de nossos inimigos mortaes?

Não, companheiros; SE O INIMIGO QUE TUDO TEM A GANHAR PERDENDO NOS PERCEBE QUE PODE FAZER O IMPUNEMENTE, FICAR CERTOS DISSO, NUNCA NOS TEREMOS VOSSO MEIO. ELLES SE APODERARÃO DE NOSSA PELE OU NOS FARÃO MORRER, ATOMO POR ATOMO ENTRE OS MURROS DA SUA BASTILHA COMO JA' FIZERAM A MUITOS OUTROS.

E' falso o niensm com os outros refens. E os refens augmentando. As prisões regorgitarão dos mais fortes campeões do trabalho e da liberdade. Corrompida, trahida, confundida e aterrorizada, a multidão esparpada curvar-se-á sob a violencia e sob a astucia

da canalha doutrada e, de ruina geral, seremos arrasados e nossos filhos serão escravos, escravos miseraveis dos outros e de si mesmos.

Companheiros, trabalhadores! Permitti-vos? Hoje, eis-nos nós mesmos impotentes. Nosso destino e vosso destino, como o destino de vossos filhos está em vossas mãos e não nas mãos do inimigo. Não nos resta mais que saber encarar o ultimo supplicio ou, mais horrivel ainda, a reclusão perpétua, sem fraqueza e sem escardia.

Ainda adolescentes, conhecemos a separação dos que nos são caros, a ferocidade do patrão e a cobardia das pessoas honestas. As vinte annos, preferimos o estudo e a lucta aos amores facieis e ao militar. E a longa vigilia que com'ete toda a desolação, toda a pena, todo o insulto e toda a humilhação sobrevive em nós esta fé que desafia e vence todo o inimigo e toda a adversidade, a fé que a luta e a dor temperam e não abatem. E nós sabemos ha muito tempo o que a Causa pede e o que guarda o inimigo...

Para a defeza da existencia e para o triumpho do ideal, estavamos decididos ao sacrificio supremo.

Nós esperavamos combater, o peito descoberto e de arma em punho, face a face com o inimigo execrado.

Agora, porém, não nos restava mais que esperar a morte do rato. E, no entanto, o que nos confortava e a certeza que, mesmo assim, o nosso sacrificio não seria vão, amadureceu e apressará a hora invocada da grande insurreição.

Nós sabermos accliar a força de resistir á tortura quotidiana e a feor das hypothesses, sabermos olhar em face o caracasso que nos ligue e lançar ao mundo dos grandes ladões e dos grandes assas-ínges, a nossa maldição. A recusão perpetua significa um martyrio mais longo e mais atroz de que uma execução immediata. Pensai nisso e pensai tambem que a prisão é o castigo mais vantajoso para a burguezia, porque poupa os gastos do verdugo e dá-lhe o producto de nosso trabalho.

DAI-NOS OU A LIBERDADE OU A MORTE!

Isso dependerá de vós, trabalhadores nossos companheiros!

Agora e sempre pela Revolução Social.

Nicola Sacco  
Bartholomeu Vanzetti.

Nossas luctas e nossas esperanças

Eis-nos á porta de agosto de Maio. Mas, um anno decorrido e nós sem vermos as nossas aspirações satisfeitas, os nossos desejos realizados, os nossos anhelos de felicidade e de igualdade consummados. No entanto, a marcha do progresso não cessa, o movimento patra diante não pára, um impulso, ás vezes imperceptivel nos impelle para a frente e para cima.

Os Martyres de Chicago, há trinta e seis annos enforcados por essa pindocracia americana, a mais rapace e feróz das pilhocracias de todo o mundo, estão vingados. As iras, as fúrias e os odios que suas generosas pretensões desencadearam nas almas dos negreiros modernos, não se exagere de lhes supprimir a vida, foram vencidos, derrotados, refrigados, e as oito horas, por cento ou por hora, triumpham, impuseram-se e estão vigorando por toda a parte e só a cobardia ou o benedicto egoismo e ambição dos operarios as devarão calar, buscar, perder.

A muitas almas impotentes de justiça e de liberdade, porque muitas vezes, que o progresso caminha demasiadamente lento, que a marcha é muito vagarosa. Mas, para que se celebre essa marcha, essa corrida, ha um meio infalivel e que depende da boa vontade de todos os homens devotados a grande obra de transformação social: é redistribuirmos os meios em ciência, esborece e aproximamos os trabalhadores com o intuito de os edificar dos direitos que lhes assistem e dos deveres que lhes competem; e vencer os da necessidade é urgencia de se operar uma transformação radical no systema social actual que nos oprime.

nos vexa e nos explora; transformação economica, fazendo desaparecer o direito de propriedade privada, torrandó tudo de todos, socializando todos os meios de produção, minas, solo, estradas de ferro, navios, officinas, etc.; transformação moral, libertando os systemas educativos antiquados e dando em pratica os modernos preceitos pedagogicos em que o alumno aprende a pensar e a trabalhar sem custo nem fadiga, entusiasmado as jovens intelligencias para tudo que seja racional, verificavel, pratico e scientifico; transformação po-

litica, supprimindo o estado de-não na pressão autoritaria e despótica, com seu excesso de leis, decretos e regulamentos, com seu acervo de prisões, juizes e policias, investindo-se os Syndicatos e Professionaes da tarefa de dirigir a produção de todos os bens indispensaveis á existencia e de sua justa e regular distribuição por todos os productores de utilidades e por todos que pela idade ou pela doença se achem impossibilitados de ser úteis a si e á collectividade.

Fazendo-se isto, constantemente, permanente e sistematicamente, muito se contribuirá para derrubar toda a sorte de impotencias que se oppõem ao triumpho de nossos ideaes, á consecução e realização de nossas urgentes necessidades e de nossas inadiáveis garantias individuais, sociais e economicas. Que, pois, este 1.º de Maio seja o inicio o começo de uma propaganda solida e ponderada, de uma luta nova em seus aspectos e modalidades, que se imponha pela constancia de suas affirmações e pela verdade e exactidão de seus assertos e conclusões.

Muitos chamam FESTA ao 1.º de Maio.

Não é tal. É' dia de protesto, contra os tyranos que supplantam nossos valores canariães de Chicago e contra os que duplamente, agora e sempre, contribuem a massacrar, a prender, a expulsar e a exilarem os nobres paladinos da Revolução Social.

Por enquanto, para o operariado, não existem festas. Todos os dias, todas as datas, só lhe recordam luctas e luctas, mortes, afrontas, sangue derramado, nobres vidas extinguidas, miserias inenarraveis, podocidas.

Ha de surgir, porém, um 1.º de Maio florido e promissor em que a alegria das crianças sucaze com o colhorido das roças, em que flores, frutos e perfumes se esparzam em bragaços para satisfação e contentamento de todos; em que de está lábio saib uma benção, de cada peito um hymno, de cada coração uma prece a concordia, á solidariedade, á abundancia e á harmonia social. E esse dia será a nossa festa. A festa maxima e radiosa dos povos, dando-se nas mãos através dos espacos, por cima das fronteiras.

Preparamos esse dia, aprestemo-nos para essa festa.

# O 1.º DE MAIO e os martyres de Chicago

Uma das principais reivindicações dos operários norte americanos que deu motivo ao movimento por elles iniciado a 1.º de Maio de 1886, foi a questão do dia normal das oito horas.

Esses trabalhadores viram repellido afrentosamente essa reclamação e as vicimas espiatori pagaram no patibulo a audacia de suas affirmações e de suas anancias em procurar uma tarefa mais curta, um dia de trabalho mais rapido, uma diminuição em fim, de fadiga, de esforço, de exgotamento para os trabalhadores, sendo sacrificados em holocausto ao odio burguez, á exploração desenfreada da burguez e do capitalismo cinco dos mais intrepidos, batalhadores e aguerridos apostolos da liberdade e das luctas sociaes.

Desde essa memoravel data, annualmente, durante decadas e decadas de annos, o operariado suspirou, reclamou e gritou pela era dos tres oitos, isto é, oito horas de trabalho, oito de repouso e oito de diversão e de estudo. São quarenta annos de luctas, de propaganda, de reclamações, pela palavra, pela escripta, nas palestras, nos comícios, nas conferencias, no jornal, no folheto e no livro.

Finalmente, chegou o dia em que as oito horas, dadas ou arrebatadas, foram concedidas aos trabalhadores, num momento de pânico, de perturbação e de atenuação da burguezia.

Os trabalhadores, porém, parece que não comprehenderam o alcance de tal medida, a vantagem moral e phisica de tal melhoria e a extensão de tal sacrificio por parte dos exploradores.

Se assim não fosse, nunca os operarios, á troco de uns tostões mais, permitiriam prolongar as horas de trabalho além do horario estabelecido, porque isso é atentar contra a mais vantajosa, real e possivel melhoria que os trabalhadores já adquiriram, dando uma demonstração de ignorancia e de incapacidade com essa attitud e malando talvez, inconscientemente essa conquista que tantas vidas custou, que tanto sangue fez correr em todas as cidades do universo, que tantas prisões, deportações e condemnações custou a todos os militantes e que arrancou a vida aos cinco heróes — hoje conhecidos por martyres de Chicago.

A burguezia, porém, não dorme. Abrindo mão desse horario, num momento de desorientação pavorosa, quando os acontecimentos mundiaes pareciam provocar a degradingidade de sua classe, logo que a tormenta acalmou, apenas a tempestade revolucionaria abrandou um pouco, procurou reaver o perdido, prolongando o horario nas fabricas e officinas, manhosamente, a nullo de sobretempo, para melhor engodar os trabalhadores.

Estes, por espirito de egoismo, só enxergam o ordenado no fim da semana ou da quinzena. E, recebendo mais um pouco, não se importam de trabalhar mais 4 ou 6 horas por dia. Mas, cegos que são, não reparam que caão desacreditando o horario lido difficilmente conquistado e adquirido, que estão cavando a propria ruina, pois que apenas os patrões á custa de sobretempo consigam accumular stocks de mercadorias licenciarão os operarios e, estes, premiados pelas necessidades, serão, obrigados a retomar o trabalho sujeitando-se a uma jornada de dez, doze ou quatorze horas.

Ha, pois, uma conspiração internacional contra o dia de 8 horas. Os piratas do mundo attribuem todas as desgraças causadas pela guerra, por elles desencadeada, ás oito horas. Porque ha perturbações, grèves, carestia?

Porque, dizem elles, os operarios não querem produzir com abundancia durante muitas horas.

E é assim que o Bureau Internacional do Trabalho, instituição sahida do celebre tratado de Versalhes, tratado de onde sahira a actual invasão do Ruhr, convocou a Quarta Conferencia Internacional do Trabalho a realizar-se em Outubro, em Genebra, onde, nas grandes organizações operarias, convidadas para esse fim, deverão demonstrar que e uzo que fazem os trabalhadores das horas de lazer, é mais conveniente ao mundo e á humanidade, em conjunto que se essas horas extraordinarias forem empregadas no trabalho produtivo.

Um dos elementos especiaes que serão citados contra os trabalhadores é a actual desorganização economica da Europa, que poderia ser remedida immediatamente.

diar os estragos que não causaram, reconstruir as ruinas que não produziram?

Os capitalistas, os novos-ricos, os banqueiros, os donos das grandes fundições que remediem o mal, pois que só elles o poderão.

E, depois, se agora já ha milhões e milhões de desempregados, o que acontecerá quando a jornada de trabalho se tornar maior? Só poderá aumentar o numero, certamente.

Destes modo é que os oppressores e os tyranos querem resolver a questão e declararam-no com um cynismo e uma sempremonia que, provocaria a maior das indignações se os operarios cuidassem como devem dos interesses de sua classe, da sua dignidade profissional e do respeito que lhes deveria ser devido, por todos os parasitas, como produtores que são da riqueza social e collectiva.

O certo, porém, é os operarios não tomarem a sério o seu verdadeiro papel, desinteressando-se do movimento de sua classe, de

## Recordações de um feito proletario

Mais um anno de angustiosa lembrança e viva manifestação de revolta contra o despotismo da sociedade capitalista-burguez, o dia de hoje regista no calendario da historia revolucionaria do proletariado universal.

Mais um dia de vehementes protestos se irradia hoje, brotante de cólera e indignação; no alvorecer deste Primeiro de Maio, que accumula na consciencia rebelde dos filhos do povo — a plebe, — como um vivo scintilante clairo do sergumentamento moral de sua individualidade despertando para a Vida e para a Verdade, o calor febricitante, a ansia abrasadora de com o poder de sua vontade, com a força de seu direito e com a energia de sua acção, conquistar a sua emancipação e libertar-se das cadeias férreas do patronato ladravaz e explorador.

E nestas horas de effervescencias e convulsões populares, neste estretimecimento de natural repulsa, no rigore de uma democracia fallida, em que a alma trabalhadora freme toda ao ardor crapiante da Justiça e da Razão, do Direito e da Verdade, surge no doirado âmbito de acariadoras esperanças, — como florescentes irradiações de luz purificadora e fecunda a convulsionar um cérebro insatisfeito das tyranias sociaes presentes, — o espirito novo das gerações modernas a aliscar, na infatigavel e ingente luta do aperfeiçoamento moral e intellectual, economico e social, a base em que se ha de firmar, amplo de paz e felicidade, o monumento gigantesco da Sociedade Futura.

E' que o dia de hoje, malgrado as tristes recordações que nos traz, relembra aos trabalhadores de todo o mundo o monstruoso crime que, no anno de 1886, nas ruas de Chicago, convulsionou em crateras de indignação e cadaduras de revolta toda uma compacta multidão laboriosa que exigia daquelles que têm em suas mãos as rédeas do poder um pouco mais de descanso, um pouco mais de liberdade — a jornada das oito horas.

E' que nesse movimento de manifesto renascimento das massas até então adormecidas pelo alheamento aos seus direitos e interesses, foram massacradas pela horda selvagem e cambalesca das policiaes sanguinárias, a soldo da burguezia, centenas de trabalhadores e que deu por epilogo o immolamento no altar dos sacrificios pelas idéas redemptoras de seis dos mais exaltados rebeldes, cuja prova de estoicismo e seriedade de espirito ficaram assignaladas para sempre nas paginas de sangue daquello Primeiro de Maio de 1886.

E' que, finalmente, com nesses tempos omnicos, ainda hoje continuam a ser praticadas as mesmas misérias, as mesmas oppressões, o mesmo despotismo, as mesmas perseguições, as mesmas crimes, como ahi estão patentemente documentando os casos de Sacco e Vanzetti, no Norte America, o país onde se pratica a modelar democracia, e aqui em S. Paulo, o fechamento, contra os dispositivos consiliacionaes, da sede da União dos Artifices em Calçadas e da Liga Operaria da Construção Civil.

E como não ser assim? Como não surgir protestos, revoltas e tentativas de revolução se o povo, a plebe, vive continuamente sob o jugo despótico dos oppressores?

Como não haver reacção, uma vez que os senhores do mundo, a burguezia sanguinária, são impotentes para abater o Intração da canalla plebea quando um dia, cansada de soffrir, levanta a jubal cellosal e marcha? ... Era preciso que a sua ambição,

o seu entranhado amor pelo vil metal, a sua opulencia, a sua deshumanidade, a sua vida de ociosidade, tudo emfim quanto os traz na embriaguez do prazer e da fartura se transmudasse em amor, em dedicação, em interesse colectivo. Era preciso que a sua alma, o seu espirito passasse por essa triplice transformação social, moral e economica. Era preciso, por fim, que todo o seu eu, num como rejuvenescimento de caracter, num como purificação de sentimentos e regeneração de costumes, viesse de sentir, cristallizada de luz, toda a sublime grandeza, toda a pulcherrima doçura, tudo quanto de nobre e difficilicante, de bello e de humano encerra essa triplice constellação da Sociedade Futura — Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Esse phenômeno, porém, jamais realizar-se-á de seu gosto, de sua própria vontade. E se tal acontecesse, então poderíamos, sem as sangrentas batalhas que havemos de travar futuramente, proclamar triunphante a mais humana e perfeita de quantas formas de sociedades têm sido expalhadas pelo espirito humano em meio das estudos sociologicos — O Comunismo Libertario. — Isso, porém, é impossivel. E só com a Revolução — utilica e acclentadora esperança da humanidade soffredora — tornar-se-á um facto; uma realidade o ideal que hoje preceizamos para o futuro — o homem livre sobre a terra, livre.

PEDRO A. MOITA

## Divergencia de opinião, ou vontade de predominar?

Inclindo a minha collaboração n'«A Plebe», venho hoje apresentar á apreciação dos diversos militantes algumas considerações que, pelo d'antedito, não devem ser tomadas como polemica ou ataque pessoal, mas simplesmente o meu modo de ver, sobre a attitud ultimamente tomada, por alguns communitas, que se temo ser erronea e prejudicial para o ideal que defendemos.

Estas. Com o apparecimento do partido Communista, dividiu-se o elemento libertario em dois campos opostos: Communistas d'estado, ou adeptos da dictadura proletaria, a exemplo da da Russia, e portanto seguindo a risca os 21 principios da Internacional da Mocou; e Communistas-libertarios ou Anarquistas, avessos a qualquer especie de autoridade, e portanto em contraposição aos primeiros.

Assim, e aqui é que pega o carro de sustinção que os primeiros se recusam, e accordam em alargar seu radio de acção, propagando suas doutrinas dietatorias, e fundando centros em toda a parte, combatendo não só a burguezia, mas tambem e especialmente os anarquistas, até por meios desculpados como já tenho tido occasião de scilificar, nos, os anarquistas, divilimos-nos ainda em duas facções, gerando-nos entre si, quanto que deixamos em paz a burguezia, e o partido Communista agir livremente, desenvolvendo a propaganda libertaria e metendo-nos, sob qualquer pretexto a ridiculo.

Assim é, que alguns camaradas, alegando que «A Plebe» não tem sido orientada como deveria, isto é, que não tem jornal Communista-libertario, que se deveria reduzir o maximo passivel o noticioso syndical, incrementando a publicação de artigos de caracter doutrinario, e ainda uma systematica campanha contra os Communistas d'estado, combatendo-os sob qualquer pretexto e sem cessar. Ora, como este jornal se tem limitado a defender intransigentemente o anarquismo, porém observando sempre, uma norma moderada, sem offender ou ferir, a individualidade dos collectivistas, procurando sempre harmonizar as doutrinas de ambos os grupos, com as injustiças sociaes da sociedade actual, intendendo as camaradas a que, já me referi, que os componentes do «Grupo A Plebe», são sympathicos á causa dos Communistas de Estado, que são partidarios declarados do partido Communista, que por tal motivo se recusam a abrir uma campanha séria, dando combate decisivo aos d'este partido, e que veem mystificando ao mesmo tempo, a propaganda dos anarquistas. Não pretendo defender o «Grupo Editor A Plebe», mas não posso tambem deixar sem protesto, tamanhas insinuações, que, a meu ver, não traduzem sendo o desenvolvimento de alguns camaradas, que se temo mais competentes, pretendiam avocar-se em directores do jornal, e não o comprehendendo, procuram por todas as formas, aliciosamente, matar esta bellissima iniciativa dos companheiros de S. Paulo, para fazerem surgir outro período.

### 1.º DE MAIO

(MONOLOGANDO)

*Faz hoje trinta e sete annos  
Que a tragedia aconteceu  
E o povo não resolveu  
Liberar-se dos tyranos!...*

*Cultiva os mesmos enganos,  
Passa as mesmas privações,  
Deixa tombor os exemplares,  
Não lhe interessa tal danga...*

*Sobre as conchas do balança,  
Tem mais peso o capital!  
A vida sempre vai mal,  
Mas ao burguez nada falta!...*

*Trabalhador: arre, salta,  
Conquista melindramentos,  
Do contrario teus lamentos  
Tuu falta de energia*

*Dão forças á burguezia  
Para melhor explorar;  
Tu não poderás gritar,  
merreás como um carneiro*

*Sem pão, sem lar, sem dinheiro!...  
Pensa nisto homem fejudão!  
Que a tuu poder verdadeiro  
Pode transformar o mundo!*

LIRIO DE RÊZENDE

mente, mediante um dia mais longo de trabalho e o correspondente augmento da produção.

Pelas trechos citados vê-se como esse ajuntamento hybrid de patrões, governantes e amarelos se julga no direito de pedir satisfações aos trabalhadores do modo como empregam o tempo lótra das modernas bastilhas, as fabricas e as officinas, onde a exploração habita.

E quem pedira aos patrões, aos capitalistas, aos banqueiros, aos padres, aos governantes, aos directores desse Bureau de bôbas a quem ninguem encomendou o sermão, satisfações de como elles empregam o tempo, vida de cigarra que levam de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro, e assim continuamente?

A desorganização economica da Europa? Mas quem a desorganizou? Foram acaso os trabalhadores? Foram elles que desencadearam e fomentaram a guerra, origem e causa dos choes europeos? Então, elles que não foram ouvidos nem consultados, mas que morreram aos milhões e aos milhões ficaram invadidos e que deverão agora pagar as despesas que não fizeram, reme-

seu gremio, de seu syndicato, e só pensando em foot ball, em bilie, em cinema, em jogos de bilie e de box, como se essas cousas não fossem as que mais concorrem para a sua ruina e perdicção.

A questão das oito horas está pois ao tapete da discussão. Se os operarios as querem defender, garantem, manter, que empreguem os necessarios meios para as cop solidaria e segurar. Do contrario os parasitas de Genebra attentarão contra elles, a peido dos patrões, e os males, misérias, augmento de escavidão que esse facto acarretará aos trabalhadores são incontaveis.

E os proprios martyres de Chicago que por ellas soffreram, pedem, e morreram, da propria sepultura amaldiçoarão o operariado de-fibrado que consista em perder a liberdade e vantagens adquiridas para regressar ao passado de lama, de trevas, de escuridão.

No dia 4 — No Theatro Apollo, será representada a comedia em 3 actos, *Quem os salva...* de Camarada IBS, OTTICIDA, em revista artistica de, autor, Ibsen Deniz.

